

DAVID McCULLOUGH

1776

*A história dos homens que
lutaram pela independência
dos Estados Unidos*

Tradução:

ROBERTO FRANCO VALENTE

Jorge ZAHAR Editor
Rio de Janeiro

DAVID MCCULLOUGH é historiador formado pela Yale University. Foi presidente da Sociedade Americana de Historiadores e é considerado, nos Estados Unidos, “o mestre da narrativa histórica”. Recebeu duas vezes os prêmios Pulitzer e o National Book Award. Seu livro anterior, *John Adams*, vendeu dois milhões de cópias e ficou na lista de mais vendidos nos EUA por mais de um ano.



Título original:
1776

Tradução autorizada da primeira edição norte-americana,
publicada em 2005 por Simon & Schuster, Inc.,
de Nova York, EUA

Copyright © 2005, David McCullough

Copyright da edição brasileira © 2006:
Jorge Zahar Editor Ltda.
rua México 31 sobreloja
20031-144 Rio de Janeiro, RJ
tel.: (21) 2240-0226 / fax: (21) 2262-5123
e-mail: jze@zahar.com.br
site: www.zahar.com.br

Todos os direitos reservados.

A reprodução não-autorizada desta publicação, no todo
ou em parte, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.610/98)

Ilustração da capa: Detalhe de *A morte do general Mercer na batalha de Princeton*,
de John Trumbull © Francis G. Mayer / CORBIS

NASCIDO EM TIDEWATER, na Virgínia, no dia 11 de fevereiro de 1732 (segundo o velho calendário), George Washington era bisneto de John Washington, um imigrante vindo de Northampton, Inglaterra, em 1657. O pai de George, Augustine Washington, era plantador de tabaco, também “conhecido pela aparência nobre e as proporções viris”. Sua mãe, Mary Bell, ficou viúva quando Washington completou 11 anos. Com a difícil situação da família, ele teve pouca educação — apenas sete ou oito anos de aprendizado com um professor particular, nenhum estudo de latim ou grego, ou de direito, como foi o caso de tantos patriotas eminentes da Virgínia — e, como os mais chegados sabiam, ele tinha plena consciência disso.

Por meio de uma dedicação tenaz, aprendeu a escrever de forma firme e clara, e a exprimir-se no papel com energia e limpidez. Aprendeu a dançar — na Virgínia as pessoas gostavam de dançar, e ele não era exceção — e também a comportar-se com modos e polidez impecáveis na sociedade elaboradamente cortês da época. (Dentre as *110 regras da Civilidade e do Comportamento Decente em Companhia e Conversação*, que ele copiou laboriosamente quando ainda menino, a Regra N^o1 dizia: “Toda ação feita em companhia de outros deve ter um certo sinal de respeito pelos presentes”.) Gostava de festas e, em particular, da companhia de mulheres bonitas. Como se dizia dos oficiais britânicos, ele “gostava de um copinho, de um namorinho, de um joguinho”. Embora o jogo jamais fosse para ele uma obsessão, era na realidade para muitos de seus equivalentes no lado britânico.

O grande professor de Washington foi a experiência. Com 16 anos, partiu para abrir seu caminho no mundo, como aprendiz de supervisor numa expedição à selva da Virgínia Ocidental, sobre as montanhas Blue Ridge. Com o decorrer dos anos, conseguiu permanecer por mais tempo naquelas remotas regiões, além do Blue Ridge, do que em Tidewater. Além disso, ser supervisor mostrava-se altamente lucrativo.

Em 1753, com 20 anos, foi mandado pelo governador da Virgínia para a selva, no oeste da Pensilvânia, para enfrentar as reivindicações francesas no vale do rio Allegheny. A publicação do diário que escreveu sobre a aventura, *The Journal of Major George Washington*, tornou a sua coragem e criatividade conhecidas em todas as colônias, e também na Europa. Um ano depois, em seu primeiro posto de comando, a inexperiência e um precário senso de avaliação levaram ao seu famoso confronto com as tropas francesas e indígenas em Great Meadows,

no mesmo recanto remoto do oeste da Pensilvânia — no curto e sangrento incidente na floresta ocorreu a primeira derrota sofrida por Washington, e que desencadeou o conflito que, finalmente, veio a envolver tantas partes do mundo.

“Eu ouvia o assobio das balas; e, creiam-me, tem qualquer coisa de fascinante naquele som”, escreveu, numa carta que mais tarde foi publicada no *London Magazine*, e que poderia ser entendida como a bravata de um jovem inexperiente; mas, como se verificou, ele era um desses raros homens que, mesmo sob fogo cruzado, não sentem medo algum.

Como um oficial de província lutando contra o exército britânico, na derrota do general Edward Braddock, no oeste da Pensilvânia, ele demonstrara uma legítima coragem sob fogo cruzado, e uma acentuada capacidade de liderança. Se, como jovem oficial, às vezes podia parecer ambicioso, de um modo evidente e desagradável, há muito já havia superado isso. Em 1759, sentindo-se menosprezado por causa do seu desejo de obter uma comissão real, ele se “retirou”, com 27 anos, para uma vida de agricultor na Virgínia, casando-se, naquele mesmo ano, com Martha Dandridge Custis, de Williamsburg, uma atraente viúva, extremamente rica, com dois filhos, aos quais dedicou total devoção. As crianças, John Parke Custis e Patsy, sempre foram tratados como se fossem de fato suas. Na verdade, uma das grandes tragédias na vida de Washington foi a morte de Patsy, aos 17 anos, de ataque epiléptico, em 1773.

Assim como outros agricultores de Tidewater, Washington adotou uma vida muito semelhante à da classe alta inglesa. Descendente de ingleses, ele, tanto no comportamento quanto nas roupas, nos modos, nos passatempos preferidos, era o mais próximo de um cavalheiro rural inglês quanto seria possível para um norte-americano da época. Sua bela carruagem verde, com peças de bronze e forração de couro, fora fabricada por um fornecedor da Inglaterra, de acordo com as suas especificações. Também as suas roupas eram encomendadas na Inglaterra, e só aceitava os melhores tecidos de lã e linho ingleses, de acordo com a última moda. Usava botas inglesas, sapatos ingleses e chinelas de couro do Marrocos, tudo encomendado por ele em Londres. Até o vidro das janelas pelas quais observava os seus domínios, era vidro inglês importado.

Tendo assumido há um ano apenas o comando em Cambridge, Washington deu início a uma ambiciosa obra para ampliação de sua residência na Virgínia, Mount Vernon, que, quando terminasse, teria duplicado o seu tamanho. Acrescentou uma biblioteca e construiu um salão de jantar com

dois andares, ou um *banquet hall*, próprio para o entretenimento em grande escala. Era um construtor por natureza. Sentia paixão pela arquitetura e pelo desenho paisagístico, e Mount Vernon era uma criação sua, tudo ali fora feito segundo suas idéias e planos. O quanto isso era extremamente importante para ele, e o prazer que lhe proporcionou, pouca gente jamais compreendeu.

A desordem o desagradava constantemente, e ele se preocupava muito com cada detalhe — fosse o papel de parede, a cor da tinta, os ornamentos do teto — e insistia na perfeição. Odiava ter de se afastar do projeto. Mesmo à distância de Cambridge, e com tudo o que pesava sobre sua cabeça, ele se preocupava que as coisas não estivessem caminhando como pretendia, em Mount Vernon, e então enchia páginas e páginas de instruções a seu administrador, Lund Washington.

Quero que você apresse Lanphire e Sears [os carpinteiros] sobre a peça da chaminé da sala de jantar (que deve ser executada como falei em uma das minhas últimas cartas), como também desejo que a casa esteja totalmente pronta antes do meu regresso. Gostaria que você tivesse feito a parte da cozinha próxima ao jardim, como também a parte velha da mesma, com tábuas rústicas. No entanto, como não foi assim, desejo que os ângulos sejam feitos no estilo da nossa igreja nova ... O que você fez do poço? Foi fechado? Você tem alguma notícia do pintor?

Depois apenas da paixão pela arquitetura e pelo desenho paisagístico, vinha o amor pelo teatro, o que também era uma característica dos habitantes da Virgínia. Ele assistiu a uma peça pela primeira vez com 19 anos, numa viagem que fez com seu irmão a Barbados. Esta foi a primeira e única vez em que Washington esteve além das praias norte-americanas, e o lugar aonde foi estava “seriamente assolado” pela catapora. Mais tarde, assistira com regularidade a peças de teatro, como membro da legislatura da Virgínia em Williamsburg. Durante uma visita a Annapolis, registrou ter ido “à peça” em quatro noites a cada cinco. Mais tarde, em Nova York, foi ao teatro sete vezes na semana, e assistiu à primeira produção de Hamlet.

Mas, de todas as produções teatrais que viu, foi de “Cato”, do autor inglês Joseph Addison — a peça mais popular da época —, que Washington mais gostou. Freqüentemente lembrava, ou citava, determinada passagem da peça, em seu atual papel de comandante-chefe: “Não está nos mortais comandar o sucesso, mas faremos mais que isso, Sempronius, nós o mereceremos.”

Embora muitos afirmassem ser Washington o homem mais rico da América, provavelmente ele não faria parte da lista dos dez mais. Malgrado tudo, ele era muito rico, e isso em grande parte devia-se ao seu casamento com Martha Custis. A riqueza dele era em terras, eram mais de 22 mil hectares, incluindo cerca de 3.300 hectares em Mount Vernon, outros 1.600 em Dismal Swamp, na Virgínia, e quase tudo isso ele comprara como investimento. Além disso, era dono de mais de cem escravos — outra medida de avaliação das grandes riquezas — e o trabalho deles tornou possível o seu estilo de vida.

Num romance popular da época, *The Expedition of Humphrey Clinker*, de Tobias Smollett, dizia o autor que para ser um cavaleiro campestre era-se “obrigado a possuir cavalos, cachorros treinados, carruagens, um número apropriado de criados, e manter uma mesa elegante para o entretenimento dos vizinhos”. Esta poderia ser a descrição da vida que se levava em Mount Vernon, com a diferença de que ali os criados eram escravos negros.

Entre as classes altas da Virgínia, que adotaram a caça da raposa com um entusiasmo que nada deixava a desejar ao que se via nas propriedades rurais da Inglaterra, Washington se sobressaía. Thomas Jefferson considerava-o “o melhor cavaleiro da sua idade”. O fato de Washington ser conhecido por caçar durante mais de sete horas seguidas, cavalgando sempre bem perto dos cães, “pulando cercas e correndo em extrema velocidade” e sempre até o final da caçada, para estar presente na hora da morte do animal, era considerado não apenas como uma medida do seu amor pela caça, e da sua excepcional resistência física, mas também de sua incomum e incansável determinação.

Segundo todas as narrativas, Billy Lee, o seu criado pessoal, cavalgava junto dele como o próprio vento, e não menos destemidamente que o seu senhor.

“Vimos uma raposa na ilha do sr. Phil Alexander e a perdemos depois de sete horas de caçada”, registrou Washington em seu diário, no final de um dia de inverno, em 1772. Mas não desistiu, como mostra um trecho do dia seguinte: “Encontramos uma raposa no mesmo lugar, novamente, que foi morta ao cabo de seis horas.”

Um autor esportivo, de época posterior, iria descrever a caça da raposa como “uma imagem da guerra sem a culpa e só com a metade do perigo”. Durante alguns anos, segundo as próprias recordações de

Washington, os dias dedicados à caça da raposa totalizaram um mês. Ele manteve um relatório preciso sobre quanto tempo exatamente durou a caçada, com precisão de minutos. Repetindo, era um homem que gostava da precisão em tudo.

Contavam-se várias histórias envolvendo sua extraordinária força — como por exemplo, a pedra que lançou da margem de um riacho até em cima da famosa *Natural Bridge*, da Virgínia, com quase 70 metros de altura. O artista Charles Willson Peale, convidado a Mount Vernon em 1772, enquanto pintava o retrato de Washington, descreveu a vez em que estava em companhia de vários outros jovens, no gramado, jogando a distância uma barra de ferro, só por esporte; quando Washington apareceu, sem mesmo se incomodar em tirar o casaco, lançou a barra “muito além do máximo que tínhamos conseguido”.

A riqueza e o estilo de vida de Washington, como também o seu físico e a sua habilidade em cavalgar, tiveram muita importância para o grande número de homens conduzidos por ele, e para muitos no Congresso. O sentimento geral era que se ele, George Washington, que possuía tanto, dispunha-se a arriscar “tudo seu”, por mais aterrorizantes que fossem as probabilidades, quem seriam eles, então, para lançar a incerteza? O fato, também, de que estava servindo sem receber pagamento era geralmente tomado como mais uma prova da autenticidade do seu compromisso.

Havia, sem dúvida, em meio às tropas e à população local, aqueles que pouco estavam se importando com os plantadores da Virgínia e seus ares ativos e todo-poderosos, ou que achavam uma incoerência incrível um dono de escravos estar comandando a causa da liberdade.

Deve-se também registrar que Washington ficou afastado da vida militar durante 15 anos, ao longo dos quais não comandou nem mesmo pequenas milícias. Sua única experiência anterior foi em lutas na província — uma espécie muito diferente de guerra — e, mais notavelmente, na campanha de Braddock, de 1755, que foi um desastre. Ele não era, de forma alguma, um comandante experiente. Jamais comandara soldados numa batalha, e jamais nada maior que um regimento. E nunca dirigira um cerco.

Washington tinha total consciência das suas limitações. No ato formal de aceitação do novo comando, em 16 de junho de 1775, da sua cadeira no Congresso, ele se dirigiu a John Hancock:

Tenho plena consciência da elevada honra que me fazem com essa nomeação mas, mesmo assim, fico muito aflito, pois sei que a minha capacidade e a mi-

na experiência militar podem não corresponder à extensão e à importância dessa confiança. Entretanto, já que o Congresso assim deseja, darei início a esse crucial dever, e exercerei tudo em meu poder para servi-lo, e para o apoio da gloriosa Causa.

Sabia que poderia não ser bem-sucedido, e advertiu honestamente ao Congresso:

Mas, temendo que algum passo infeliz aconteça, desfavorável à minha reputação, peço a todos os cavalheiros nesta sala que se lembrem depois que eu declarei, neste dia, com toda a sinceridade, que não me considero à altura do comando com que me honram.

À sua mulher, Martha, ele escreveu que “longe de buscar aquela nomeação, empreguei todos os esforços para evitá-la, não só pela falta de vontade de separar-me de você e de minha família, mas por saber que se trata de uma confiança demasiadamente grande para a minha capacidade ... foi talvez o destino que me lançou a isso ...”

E no entanto, ele compareceu ao Congresso, vestido no seu esplêndido uniforme azul com complementos de couro, demonstrando sua clara disposição para assumir o comando. Se, no seu entender, a responsabilidade era grande demais para sua capacidade, isso era porque a idéia que tinha da vastidão dessa responsabilidade era muito real. Em troca de uma tal confiança, assumir o comando de uma tropa de fazendeiros e comerciantes voluntários, indisciplinados, pobremente armados, contra a força militar mais bem treinada e equipada sobre a face da terra — e também enfrentar tantas viagens a cavalo, conseqüentemente —, isso na verdade era muito mais do que qualquer um se sentiria capaz de enfrentar.

Porém, ele também sabia que alguém tinha de assumir o comando, e por mais impossíveis que fossem a tarefa ou os prognósticos, tinha consciência de estar mais bem preparado que qualquer outro que o Congresso pudesse ter em mente.

Inquestionavelmente o Congresso fez a escolha certa, e os motivos políticos não foram os que menos pesaram. Como cidadão da Virgínia, Washington representava a mais rica e populosa das 13 colônias. Ele próprio tinha anos de experiência política, na legislatura da Virgínia, e como membro do Congresso Continental. Foi nessa qualidade que ficou conhecido e respeitado pelos membros do Congresso, e não como general. Conhecia

bem os métodos da política e o sectarismo dos políticos. Compreendia o modo como operava o sistema. Apesar de todos os adiamentos e frustrações, por mais severos que fossem os testes de paciência que teve de suportar, nas suas relações com os políticos e com o sistema, ele nunca esqueceu de que o Congresso detinha o poder máximo, e que ele, o comandante-chefe, era um servidor para os cerca de 56 delegados que, diferentemente do Parlamento, reuniam-se em segredo na distante Filadélfia.

III

NOS PRIMEIROS DIAS DE SETEMBRO, Washington começou a elaborar planos para duas missões arriscadas.

Decidira levar a guerra até o Canadá, com um ataque surpresa contra os britânicos em Quebec. Cerca de mil homens das fileiras, que ansiavam por entrar em ação, logo se apresentaram como voluntários. Comandados por um agressivo coronel de Connecticut, chamado Benedict Arnold, eles deveriam avançar sobre Quebec atravessando as florestas do Maine, tomando um caminho a nordeste até o rio Kennebec. Essa “expedição secreta” fora concebida às pressas e com pouquíssimo conhecimento do terreno, porém os homens começaram marchando em pequenas unidades, em direção a Newburyport, ao norte de Boston, de onde navegariam em veleiros de um e dois mastros até a foz do Kennebec.

Como Washington informou ao Congresso, ele percebeu que poderia destacar mil soldados naquela rota, pois, a partir de informações recebidas de espíões e desertores britânicos, concluíra que o inimigo em Boston não tinha intenção de se lançar ao ataque antes de receber reforços.

O segundo plano era cessar a espera e atacar Boston, o que poderia significar, como se acreditava, a destruição da cidade. As defesas britânicas eram intransponíveis. Na verdade, as defesas de ambos os lados tinham sido reforçadas a tal ponto que muitos acreditavam que nenhum dos dois exércitos se atreveria a atacar o outro. Além disso, um cerco requeria, por definição, um longo tempo de imobilidade e de espera. Mas ficar imóvel e esperando não era um modo de se ganhar a guerra, e não era da natureza de Washington fazê-lo.

“O estado de inação em que vivemos é extremamente desagradável”, confidenciou a seu irmão John. Queria um “imediato fim”, lutar e acabar

logo com aquilo. “Não se deve considerar qualquer perigo, diante da magnitude da causa”, afirmou, em carta ao governador de Rhode Island.

Segundo as instruções que recebeu do Congresso, ele não deveria tomar nenhuma atitude de conseqüências mais graves sem antes se reunir com o conselho de guerra, e por isso uma reunião foi marcada para a manhã de 11 de setembro para, como informou a seus generais, “saber se na opinião dos senhores não podemos realizar um ataque bem-sucedido por mar contra as tropas em Boston”.

No dia 10 de setembro, irrompeu um motim entre os carabineiros da Pensilvânia, depois que vários dos piores desordeiros foram confinados na prisão. Embora o motim tenha sido logo sufocado pelo general Greene, com um grande destacamento de soldados de Rhode Island, isto só serviu para aumentar a sensação de um exército a se dividir, o que deixou Washington visivelmente abalado.

O conselho de guerra reuniu-se em seu escritório, como fora programado, na manhã seguinte: três majores generais, incluindo o venerável Israel Putnam, e quatro brigadeiros. Todos eram da Nova Inglaterra, exceto o major general Charles Lee, subcomandante de Washington e único soldado profissional presente. Antigo oficial britânico e veterano da Guerra Francesa e Indígena, Lee, assim como Washington, lutou na nefasta campanha de Braddock, e mais tarde fixou-se na Virgínia. Era um homem esguio, de aspecto estranho, com um longo nariz recurvo e o rosto moreno e anguloso. Rude nas maneiras, rude nas palavras, nada nele tinha a dignidade de Washington. Mesmo de uniforme, parecia eternamente desarrumado.

Lee poderia ter saído de um romance inglês, tais eram as suas excêntridades e o seu passado aventureiro. Fora casado com uma mulher índia, filha de um chefe seneca*. Servira heroicamente na Espanha, com o exército britânico, e como ajudante de campo do rei da Polônia. Assim como Frederico o Grande, demonstrava de forma espetacular o seu amor pelos cães, mantendo dois ou três a maior parte do tempo a seu lado. Jeremy Belknap, um religioso de New Hampshire, depois de jantar com ele em Cambridge, achou-o um “extraordinário gênio ... de modos negligentes, irritantemente profano e grande admirador de cães, um deles nativo da Pomerânia, e que eu tomaria por um urso, caso o visse no mato”.

* Tribo da confederação dos iroqueses. (N.T.)

Lee também era autoconfiante, obstinado, depressivo e mal humorado (o nome dele entre os índios era Água Fervente), e muitos achavam que tinha a melhor mente militar entre todos os generais, opinião esta da qual ele mesmo compartilhava abertamente. Washington considerava-o “o primeiro de todos os oficiais do exército que possuímos, no que se trata do conhecimento militar e da experiência”, e foi por solicitação de Washington que o Congresso nomeou Lee seu subcomandante.

Quaisquer que fossem as opiniões de Lee sobre Washington, ele as mantinha para si mesmo, a não ser a de que achava o título de “Excelência” conferido ao seu subcomandante inteiramente absurdo.

Num contraste gritante com Lee, havia o major general Artemus Ward, um fazendeiro de Massachussetts, de compleição pesada e aspecto devoto, também lojista, juiz de paz e veterano da Guerra Francesa e Indígena, e que estivera no comando geral do cerco a Boston antes da chegada de Washington. Ward era considerado um “bom homem, um perfeito cidadão da Nova Inglaterra”, embora pouco instigante. O general Lee chamava-o particularmente de “gordo administrador de igreja”, desprovido de “qualquer conhecimento das questões militares”. Mas, embora sem ostentação, Ward era competente, consciencioso e não deixava de possuir bom senso, como o tempo haveria de mostrar.

Washington nomeara Lee para comandar a ala esquerda do exército, Putnam para comandar o centro, enquanto Ward ficou responsável pela ala direita, que incluía Dorchester. No primeiro conselho de guerra convocado por Washington, realizado logo no dia 9 de julho, fora proposto que o exército ocupasse a montanha de Dorchester, mas a idéia foi rejeitada por unanimidade. Ward, entretanto, recusou-se a desistir da questão. Quando, em agosto, ele mais uma vez recomendou que se enviassem esforços para fortificar a montanha, novamente nada foi feito.

Os brigadeiros presentes no conselho eram: John Thomas e William Heath, de Massachussetts, John Sullivan, de New Hampshire, Joseph Spencer, de Connecticut e Nathanael Greene. Thomas era um médico, em torno dos 50 anos, alto e de fala tranqüila. Heath, muito mais jovem, representava a quinta geração de fazendeiros de Roxbury; com 38 anos, descrevia-se a si próprio, com bom humor, como “de estatura mediana, pele clara, muito corpulento e careca”. Sullivan, advogado e político na casa dos 40 anos, servira com Washington no Congresso Continental; e Spencer, mais velho, até mesmo que Israel Putnam (seus soldados referiam-se a ele como a “Vovozinha”), quase não desempenhou papel algum.

Washington logo concluiu que, entre aqueles representantes da Nova Inglaterra, de todos os cidadãos-soldados, Thomas, Sullivan e Greene eram os melhores de que dispunha. Thomas, que servira na Guerra Francesa e Indígena, era o de aspecto mais imponente. Antes, sentindo-se ferido em seu orgulho ao ver que o menos experiente Heath teria posição superior à sua, ele falara em renunciar, até Washington enviar-lhe um apelo urgente onde, parafraseando uma fala de sua peça favorita, “Cato”, dizia que numa causa como a que estavam engajados, “com certeza, qualquer posto em que um homem possa servir a seu país deve ser considerado uma honra”.

Reunido o conselho, Washington sugeriu um ataque anfíbio total a Boston, enviando tropas pelas águas pouco profundas da Back Bay, em botes de fundo chato, cada qual com capacidade para 50 homens. Ele lembrou aos generais aquilo que já sabiam, ou seja: que o inverno se aproximava com rapidez, e que os soldados não dispunham de barracas nem lenha; que os homens, já ansiosos para voltar para casa, seriam extremamente difíceis de manter no serviço, tão logo experimentassem a “severidade de um inverno no norte”. Quando os prazos do serviço expirassem, o desmantelamento de um exército antes que outro se formasse poderia significar a derrota. A pólvora ainda era escassa, porém suficiente para se montar um ataque. É claro que “o acaso, a perda de homens durante a ofensiva e as prováveis consequências de um fracasso” também deviam ser considerados.

Discutiu-se sobre esse e outros pontos, inclusive as defesas inimigas, depois do que ficou acordado unanimemente não atacar, “pelo menos agora”.

Foi uma importante decisão. O “acaso” era demasiadamente grande, a possibilidade de um desastroso fracasso, demasiadamente real. As perdas poderiam ser tenebrosas.

A não ser que observassem corretamente a maré, os barcos poderiam encalhar em bancos de areia a cem metros, ou mais, da terra firme, e os homens seriam forçados a lutar com o lodo pelos joelhos, sob fogo inimigo. O morticínio poderia ser tão terrível quanto o dos britânicos em Bunker Hill.

De fato, um ataque apressado às suas trincheiras era exatamente o que esperavam os generais britânicos, certos de que se os norte-americanos fossem tão temerários, isto seria o fim da rebelião.

Ao reprimir os desígnios de Washington, o conselho demonstrou o seu valor. Quanto ao “pelo menos agora”, a prudência, verdadeiramente, venceu a intrepidez.

Washington aceitou a decisão, mas continuou com os trabalhos nos botes de fundo chato. Em uma longa carta a John Hancock, sugeriu um

“ataque decisivo”, acrescentando: “Não posso dizer que tenha deixado isso de lado por completo.” Percebeu que muitos no Congresso estavam, como ele, impacientes quanto ao impasse. “A situação de inatividade em que por algum tempo caiu o exército não corresponde, absolutamente, ao meu desejo de, por meio de um ataque decisivo, libertar o meu país do pesado custo criado com a sua manutenção.”

Como Washington também lembrava a Hancock — e também ao Congresso —, os cofres estavam vazios para a guerra. O fato de que as tropas não recebiam pagamento há semanas não ajudava o moral ou aliviava as dificuldades em casa. “Não há qualquer dólar disponível no caixa.”

Pelo menos, o dinheiro estava a caminho. Em 29 de setembro, 500 mil dólares em notas continentais da Filadélfia foram enviadas para os quartéis em Cambridge, e em alguns dias milhares de soldados receberam, finalmente, parte do salário. “Estou enviando 11 dólares para você”, escreveu o tenente Joseph Hodgkins para sua mulher Sarah, em 6 de outubro. O soldo mensal dele era de 13 dólares.

QUANDO PERGUNTAVAM O MOTIVO da luta, a maioria do exército — os oficiais e soldados das fileiras — respondia, até ali, que era em defesa de seu país e de suas legítimas liberdades enquanto ingleses nascidos livres. Nathanael Greene disse à sua mulher que foi para “defender os nossos direitos comuns” que ele foi para a guerra. Os regulares britânicos, os odiados casacos vermelhos, eram os “invasores”, e deviam ser repelidos. “Somos soldados devotados às armas não para invadir outros países, mas para a defesa do nosso; não para a gratificação do nosso próprio interesse particular, mas pela segurança pública”, disse Greene em outra carta para Samuel Ward. Washington, em carta ao general Thomas, dissera que o objetivo não era “nem a glória, nem a ampliação do território, mas sim a defesa de tudo o que é mais caro e valioso na vida”.

Ninguém mencionava a independência. E nem esse tema estava presente nas mentes dos que lutaram em Bunker Hill, ou nos pensamentos de Washington ao assumir o comando do exército. A caminho de Cambridge, vindo da Filadélfia, ele fora perfeitamente específico ao assegurar ao Congresso Provincial de Nova York que “qualquer esforço dos meus valorosos colegas, e o meu próprio, se estenderá igualmente ao restabelecimento da paz e da harmonia entre a nação materna e as colônias”.

Porém nos últimos tempos, mais e mais se falava em independência. De suas visitas aos acampamentos, o reverendo Belknap concluiu que a independência “tornou-se um assunto favorito no exército”. Ansiava-se ardentemente por uma “declaração de independência”, escreveu Nathanael Greene, um dos primeiros a expressar isso no papel. “O melhor que tínhamos a fazer era ir com firmeza do início ao fim.”

EM FINS DE SETEMBRO, a descoberta de que o dr. Benjamin Church, general cirurgião do exército e diretor do hospital em Cambridge, era um espião — o primeiro traidor norte-americano — deixou a todos petrificados. Church havia sido um dos dignitários locais que escoltara Washington até Cambridge, no dia de sua chegada. Pensava-se ser ele um homem tão importante e confiável quanto qualquer outro na província: membro do Congresso Provincial, poeta, autor, colega de John Hancock em Harvard, e um patriota declarado. No entanto, todo aquele tempo ele estivera secretamente se correspondendo em código com os britânicos, e sendo pago por isso.

A traição foi descoberta por mero acaso. Uma misteriosa carta cifrada, na posse de uma jovem de moral duvidosa, acabara caindo nas mãos de um amigo de Nathanael Greene, que trouxe a carta a este que, por sua vez, a encaminhou diretamente a Washington. Quando a mulher foi presa, confessou que vinha se encontrando com Church, e que a carta era dele. A carta foi decifrada e Church, descoberto. O exército inteiro, na verdade toda Nova Inglaterra e o Congresso da Filadélfia, ficaram chocados. Quem poderia afirmar quantos outros Church poderiam ainda existir?

Church, que foi julgado, sentenciado e preso, continuou insistindo em sua inocência. Enviado para o exílio num navio com destino às Índias Ocidentais, ele desapareceu no mar. Somente anos mais tarde novas provas vieram à luz, provando a sua culpa.

EM 18 DE OUTUBRO — uma quarta-feira sombria e extremamente fria — uma comissão do Congresso composta de três membros, entre os quais Benjamin Franklin, reuniu-se junto a uma lareira crepitante no escritório de Washington. Após demoradas deliberações com o comandante e seus generais, a comissão concluiu que se um ataque a Boston significasse a destruição da cidade, eles não poderiam aprová-lo.

Numa reunião do conselho de guerra determinou-se, mais uma vez, que os riscos eram demasiadamente grandes “naquelas circunstâncias”, como declarou o general-de-brigada Horatio Gates, que não estivera presente na reunião anterior. Tal como Charles Lee, Gates era um experiente ex-oficial britânico.

“As coisas por aqui permanecem praticamente na mesma situação”, escreveu James Warren, presidente da Assembléia de Massachussetts. “Ficamos observando as linhas de defesa deles, e eles ficam observando as nossas... Eles precisam de coragem para nos atacar, e nós precisamos de pólvora para os atacar, e assim não acontece qualquer ataque de nenhum dos lados.”

Em 24 de outubro, um mensageiro de Maine trouxe a notícia de que navios britânicos haviam atacado e incendiado a cidade de Falmouth, que estava desprotegida. Os habitantes foram avisados com antecedência, e por isso ninguém foi morto, mas a população inteira ficou sem as suas casas, às vésperas do inverno. O ataque foi qualificado como uma afronta, uma “prova dos desígnios diabólicos” da administração em Londres, como declarou Washington.

Ao mesmo tempo, Washington teve de enfrentar mais um revés, quando Joseph Reed, seu brilhante e até então indispensável secretário particular decidiu não poder mais protelar uma volta à Filadélfia, para ver seus negócios e cuidar da família. “É impossível que o senhor não tenha consciência da sua importância para mim... por isso julgue quanto eu anseio pela sua volta”, declarou Washington em uma torrente de cartas ao secretário ausente. “Sinto enormemente a sua falta, e se for necessário uma declaração expressa para acelerar a sua volta, irei fazê-la com o maior empenho”, escreveu, de outra feita.

John Adams, que conhecera Reed na Filadélfia, descreveu-o como “muito sensato”, “amável”, e até mesmo “gentil”, e Washington partilhava muito dessa opinião. Nas cartas que enviava a Reed, ele não assinava, como usualmente, com a fórmula padrão: “Seu obediente servo”, mas sim: “Seu querido e obediente servo”.

Como registrou o tenente Jabez Fitch, incapaz ainda de qualquer queixa, os dias se estavam tornando “frios e tempestuosos”. Tivera início a construção dos acampamentos. Washington autorizou uma encomenda de dez mil feixes de lenha. Com uma epidemia de disenteria a assolar as cidades próximas, o dr. Thacher ficou preocupado com o número de soldados doentes nos acampamentos, e a superlotação do hospital. Para au-

mentar ainda mais as péssimas condições de vida nos acampamentos, os fazendeiros da região estavam cobrando preços cada vez mais altos.

Washington se irritou com aquela falta de patriotismo, vendo a cada dia crescer o seu descontentamento pela gente da Nova Inglaterra. No entanto, a confiança que o povo local e os seus líderes tinham por ele permanecia elevada. Compreendiam as contrariedades que o comandante-chefe enfrentava e, não menos que o Congresso e os patriotas, por toda parte, também dependiam dele. Como escreveu James Warren a John Adams: “Com certeza, ele é melhor do que qualquer outro para ocupar o lugar em que está, por mais importante que seja.”

Adams, que tinha uma aguda percepção das diferenças entre os homens da Nova Inglaterra e os da Virgínia, e tendo experimentado em primeira mão — no Congresso — a desconfiança que muitos das províncias do meio e do sul nutriam pelo povo da Nova Inglaterra, preocupava-se seriamente com os danos que a Causa poderia sofrer com semelhantes opiniões e preconceitos, caso os mesmos ficassem fora de controle.

Os senhores das outras colônias possuem grandes propriedades de escravos e ... estão mais acostumados e habituados que nós a grandes idéias sobre si mesmos, e sobre as diferenças entre eles e o povo comum ... Fico muito apreensivo com as conseqüências dessa diversidade de caráter e, se ambos os lados não forem extremamente cautelosos, e se não houver, de ambos os lados, o máximo autocontrole e prudente condescendência, essas serão certamente fatais.

Nathanael Greene estava certo de que era só tempo o que Washington necessitava para “conhecer o espírito” das tropas da Nova Inglaterra. Enquanto isso, Washington confiava cada vez mais em Greene, como também em outro marcante jovem da Nova Inglaterra, Henry Knox, a quem incumbiu de uma das mais difíceis e cruciais missões da guerra.

